

Crise no Golfo reduz cotação dos títulos da dívida externa

HELEN SMITH
Da Reuter

LONDRES — A venda de ativos de bancos do Oriente Médio e o aumento do preço do petróleo estão provocando uma queda na cotação dos títulos da dívida externa no mercado secundário, segundo operadores britânicos. Os preços dos papéis mais negociados caíram na semana passada, depois que pelo menos um banco do Oriente Médio vendeu uma quantidade considerável de valores e após bancos europeus terem se desfeito de papéis antes que os preços caíssem ainda mais. Os títulos da dívida externa do Brasil também caíram por outro motivo: as dúvidas sobre o impacto do aumento do petróleo na economia do País. Os papéis brasileiros caíram de 18,25% a 18,75%

de seu valor nominal para 17,75% a 18,25%.

— O mercado foi inundado de ofertas — comentou o operador de um banco europeu.

Segundo fontes do mercado, os bancos do Oriente Médio venderam ativos para fazer frente a problemas de liquidez surgidos pela retirada de fundos por parte de investidores da região. O Banco Internacional do Golfo (BIG) vendeu, nas duas últimas semanas, uns US\$ 500 milhões de papéis das dívidas mexicana, venezuelana, argentina e possivelmente marroquina também, segundo operadores. O BIG confirmou que aumentara a venda de papéis, mas não disse quanto havia vendido.

Entretanto, os operadores consideram que uma prolongada redução da liquidez dos bancos do Oriente Médio poderia provocar uma nova e

acentuada queda nos preços dos títulos da dívida, pois os bancos seriam obrigados a vendê-los.

— Creio que há alguns bancos do Oriente Médio que têm uma grande exposição de créditos. Se decidirem vender, isso afetaria o mercado seriamente — disse um operador.

Alguns bancos europeus, aparentemente desconcertados pela venda do BIG, também passaram adiante papéis da dívida na semana passada, temendo uma nova baixa dos preços, acrescentaram os operadores.

Os papéis da dívida do México, um grande exportador de petróleo, foram os que mais caíram nas duas últimas semanas. Seus títulos foram cotados entre 58,5% e 59,25% de seu valor nominal, contra 60,75% a 61,25% na semana passada. No início de agosto, os títulos estavam cotados em 69% de seu valor original.